

## **Crisálidas, de Machado de Assis**

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

NUPELL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística

<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>

Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.

## **CRISÁLIDAS** *Machado de Assis*

### ÍNDICE:

- |                       |                     |
|-----------------------|---------------------|
| 1. MUSA CONSOLATRIX   | 7. ERRO             |
| 2. VISIO              | 8. ELEGIA           |
| 3. QUINZE ANOS        | 9. SINHÁ            |
| 4. STELLA             | 10. HORAS VIVAS     |
| 5. EPITÁFIO DO MÉXICO | 11. VERSOS A CORINA |
| 6. POLÔNIA            | 12. ÚLTIMA FOLHA    |

### *MUSA CONSOLATRIX*

QUE A MÃO do tempo e o hábito dos homens

Murchem a flor das ilusões da vida,

Musa consoladora,

É no teu seio amigo e sossegado

Que o poeta respira o suave sono.

Não há, não há contigo,

Nem dor aguda, nem sombrios ermos;

Da tua voz os namorados cantos

Enchem, povoam tudo

De íntima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,

E muda o agudo espinho em flor cheirosa  
Que vales tu, desilusão dos homens?  
    Tu que podes, ó tempo?  
A alma triste do poeta sobrenada  
    À enchente das angústias,  
E, afrontando o rugido da tormenta,  
Passa cantando, alcíone divina.  
    Musa consoladora,  
Quando da minha frente de mancebo  
A última ilusão cair, bem como  
    Folha amarela e seca  
Que ao chão atira a viração do outono,  
    Ah! no teu seio amigo  
Acolhe-me,— e haverá minha alma aflita,  
Em vez de algumas ilusões que teve,  
A paz, o último bem, último e puro!

### *VISIO*

ERAS PÁLIDA. E os cabelos,  
Aéreos, soltos novelos  
Sobre as espáduas caíam...  
Os olhos meio cerrados  
De volúpia e de ternura  
Entre lágrimas luziam...  
E os braços entrelaçados,  
Como cingindo a ventura,  
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delírio,  
Suave, doce martírio  
De pouquíssimos instantes  
Os tous lábios sequiosos.  
Frios, trêmulos, trocavam  
Os beijos mais delirantes  
E no supremo dos gozos  
Ante os anjos se casavam  
Nossas almas palpitantes..

Depois... depois a verdade,  
A fria realidade,  
A solidão, a tristeza;  
Daquele sonho desperto,  
Olhei... silêncio de morte  
Respirava a natureza —  
Era a terra, era o deserto,  
Fora-se o doce transporte,  
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:

Tudo aos meus olhos fugira;  
Tu e o teu olhar ardente,  
Lábios trêmulos e frios,  
O abraço longo e apertado.  
O beijo doce e veemente;  
Restavam meus desvarios,  
E o incessante cuidado,  
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria  
Tão outra estás da que eu via  
Naquele sonho encantado!  
És outra, calma, discreta,  
Com o olhar indiferente,  
Tão outro do olhar sonhado,  
Que a minha alma de peota  
Não se vê a imagem presente  
Foi a visão do passado

Foi, sim, mas visão apenas;  
Daquelas visões amenas  
Que à mente dos infelizes  
Descem vivas e animadas,  
Cheias de luz e esperança  
E de celestes matizes:  
Mas, apenas dissipadas,  
Fica uma leve lembrança,  
Não ficam outras raízes.

Inda assim, embora sonho,  
Mas, sonho doce e risonho,  
Desse-me Deus que fingida  
Tivesse aquela ventura  
Noite por noite, hora a hora,  
No que me resta de vida,  
Que, já livre da amargura,  
Alma, que em dores me chora,  
Chorara de agradecida!

#### QUINZE ANOS

*Oh! la fleur de l'Eden, pourquoi l'as-tu fanée,  
Insoluciant enfant, belle Ève aux blonds cheveux!*  
Alfred de Musset

ERA UMA pobre criança ...  
—Pobre criança, se o eras! —  
Entre as quinze primaveras  
De sua vida cansada  
Nem uma flor de esperança

Abria a medo. Eram rosas  
Que a douda da esperdiçada  
Tão festivas, tão formosas,  
Desfolhava pelo chão.  
— Pobre criança, se o eras! —  
Os carinhos mal gozados  
Eram por todos comprados,  
Que os afetos de sua alma  
Havia-os levado à feira,  
Onde vendera sem pena  
Até a ilusão primeira  
Do seu doudo coração!  
Pouco antes, a candura,  
Coas brancas asas abertas,  
Em um berço de ventura  
A criança acalentava  
Na santa paz do Senhor;  
Para acordá-la era cedo.  
E a pobre ainda dormia  
Naquele mudo segredo  
Que só abre o seio um dia  
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal, acordaste!  
Junto do berço passou-te  
A festiva melodia  
Da sedução ... e acordou-te  
Colhendo as límpidas asas,  
O anjo que te velava  
Nas mãos trêmulas e frias  
Fechou o rosto... chorava!

Tu, na sede dos amores,  
Colheste todas as flores  
Que nas orlas do caminho  
Foste encontrando ao passar;  
Por elas, um só espinho  
Não te feriu... vais andando...  
Corre, criança, até quando  
Fores forçada a parar!

Então, desflorada a alma  
De tanta ilusão, perdida  
Aquele primeira calma  
Do teu sono de pureza;  
Esfolhadas, uma a uma  
Essas rosas de beleza  
Que se esvaem como a escuma  
Que a vaga cospe na praia  
E que por si se desfaz;

Então quando nos teus olhos  
Uma lágrima buscares,  
E secos, secos de febre,  
Uma só não encontrares  
Das que em meio das angústias  
São um consolo e uma paz;

Então, quando o frio 'spectro  
Do abandono e da penúria  
Vier aos teus sofrimentos  
Juntar a última injúria:  
E que não vires ao lado  
Um rosto, um olhar amigo,  
Daqueles que são agora  
Os desvelados contigo;

Criança, verás o engano  
E o erro dos sonhos teus-  
E dirás, - então já tarde, -  
Que por tais gozos não vale  
Deixar os braços de Deus.

### *STELLA*

JÁ RARO e mais escasso  
A noite arrasta o manto,  
E verte o último pranto  
Por todo o vasto espaço.

Tíbio clarão já cora  
A tecla do horizonte,  
E já de sobre o monte  
Vem debruçar-se a aurora.

À muda e torva irmã,  
Dormida de cansaço,  
Lá vem tomar o espaço  
A virgem da manhã.

Uma por uma, vão  
As pálidas estrelas,  
E vão, e vão com elas  
Teus sonhos, coração.

Mas tu, que o devaneio  
Inspiras do poeta,  
Não vês que a vaga inquieta  
Abre-te o úmido seio?

Vai. Radioso e ardente,

Em breve o astro do dia,  
Rompendo a névoa fria  
Virá do roxo oriente.

Dos íntimos sonhares  
Que a noite protegera,  
De tanto que eu vertera,  
Em lágrimas a pares,

Do amor silencioso,  
Místico, doce, puro,  
Dos sonhos de futuro,  
Da paz, do etéreo gozo,

De tudo nos desperta  
Luz de importuno dia;  
Do amor que tanto a enchia  
Minha alma está deserta.

A virgem da manhã  
Já todo o céu domina ...  
Espero-te, divina,  
Espero-te, amanhã.

## EPITÁFIO DO MÉXICO

DOBRA o joelho: — é um túmulo.  
Embaixo amortalhado  
Jaz o cadáver tépido  
De um povo aniquilado;  
A prece melancólica  
Reza-lhe em torno à cruz.

Ante o universo atônito  
Abriu-se a estranha liça  
Travou-se a luta férvida  
Da força e da justiça;  
Contra a justiça, ó século,  
Venceu a espada e o obus.

Venceu a força indômita;  
Mas a infeliz vencida  
A mágoa, a dor, o ódio,  
Na face envilecida  
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula  
Seus louros murchará.

E quando a voz fatídica  
Da santa liberdade  
Vier em dias prósperos

Clamar à humanidade  
Então revivo o México  
Da campa surgirá

## POLÔNIA

*E ao terceiro dia a alma deve voltar ao  
corpo, e a nação ressuscitará.  
Mickiewicz*

COMO AURORA de um dia desejado,  
Clarão suave o horizonte inunda.  
É talvez a manhã. A noite amarga  
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,  
Cansado de te ouvir o inútil pranto,  
Alfim ressurgue no dourado Oriente.

Eras livre —tão livre como as águas  
Do teu formoso, celebrado rio;  
A coroa dos tempos  
Cingia-te a cabeça veneranda;  
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,  
A santa liberdade,  
Como junto de um berço precioso,  
À porta dos teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;  
A sanhuda cobiça dos tiranos  
Veio enlutar teus venturosos dias...  
Infeliz! a medrosa liberdade  
Em face dos canhões espavorida  
Aos reis abandonou teu chão sagrado;  
Sobre ti, moribunda,  
Viste cair os duros opressores:  
Tal a gazela que percorre os campos,  
Se o caçador a fere,  
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,  
E vê no extremo arranco  
Abater-se sobre ela  
Escura nuvem de famintos corvos.  
Preso uma vez da ira dos tiranos,  
Os membros retalhou-te  
Dos senhores a esplêndida cobiça;  
Em proveito dos reis a terra livre  
Foi repartida, e os filhos teus—escravos—  
Viram descer um véu de luto à pátria  
E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não!—É glória o cativoiro,  
Quando a cativa, como tu, não perde

A aliança de Deus, a fé que alenta  
E essa união universal e muda  
Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.  
Um dia, quando o cálix da amargura,  
Mártir, até às fezes esgotaste,  
Longo tremor correu as fibras tuas;  
Em teu ventre de mãe, a liberdade  
Parecia soltar esse vagido  
Que faz rever o céu no olhar materno;  
Teu coração estremeceu; teus lábios  
Trêmulos de ansiedade e de esperança,  
Buscaram aspirar a longos tragos  
A vida nova nas celestes auras.

Então surgiu Kosciuszko;  
Pela mão do Senhor vinha tocado  
A fé no coração, a espada em punho,  
E na ponta da espada a torva morte,  
Chamou aos campos a nação caída.  
De novo entre o direito e a força bruta  
Empenhou-se o duelo atroz e infausto  
Que a triste humanidade  
Inda verá por séculos futuros.  
Foi longa a luta; os filhos dessa terra  
Ah! não pouparam nem valor nem sangue!  
A mãe via partir sem pranto os filhos  
A irmã o irmão, a esposa o esposo,  
E todas abençoavam  
A heróica legião que ia à conquista  
Do grande livramento.

Coube às hostes da força  
Da pugna o alto prêmio;  
A opressão jubilosa  
Cantou essa vitória de ignomínia;  
E de novo, ó cativa, o véu de luto  
Correu sobre teu rosto!  
Deus continha  
Em suas mãos o sol da liberdade,  
E inda não quis que nesse dia infausto  
Teu macerado corpo alumiasse.  
Resignada à dor e ao infortúnio,  
A mesma fé, o mesmo amor ardente  
Davam-te a antiga força.  
Triste viúva, o templo abriu-te as portas;  
Foi a hora dos hinos e das preces;  
Cantaste a Deus, tua alma consolada  
Nas asas da oração aos céus subia,  
Como a refugiar-se e a refazer-se  
No seio do infinito.  
E quando a força do feroz cossaco  
À casa do Senhor ia buscar-te,



Era ainda rezando  
Que te arrastavas pelo chão da igreja.  
Pobre nação!—é longo o teu martírio;  
A tua dor pede vingança e termo;  
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;  
É propícia esta hora. O sol dos livres  
Como que surge no dourado Oriente.  
    Não ama a liberdade  
Quem não chora contigo as dores tuas;  
E não pede, e não ama, e não deseja  
Tua ressurreição, finada heróica!

## ERRO

ERRO É TEU. Amei-te um dia  
Com esse amor passageiro  
Que nasce na fantasia  
E não chega ao coração;  
Não foi amor, foi apenas  
Uma ligeira impressão;  
Um querer indiferente,  
Em tua presença, vivo,  
Morto, se estavas ausente,  
E se ora me vês esquivo  
Se, como outrora, não vês  
Meus incensos de poeta  
Ir eu queimar a teus pés,  
É que,—como obra de um dia,  
Passou-me essa fantasia.  
Para eu amar-te devias  
Outra ser e não como eras.  
Tuas frívolas quimeras,  
Teu vão amor de ti mesma,  
Essa pêndula gelada  
Que chamavas coração,  
Eram bem fracos liames  
Para que a alma enamorada  
Me conseguissem prender;  
Foram baldados tentames,  
Saiu contra ti o azar,  
E embora pouca, perdeste  
A glória de me arrastar  
Ao teu carro... Vãs quimeras!  
Para eu amar-te devias  
Outra ser e não como eras...

## ELEGIA

A bondade choremos inocente  
Cortada em flor que, pela mão da morte,

Nos foi arrebatada dentre a gente.  
CAMÕES

SE, COMO OUTRORA, nas florestas virgens,  
Nos fosse dado—o esquife que te encerra  
Erguer a um galho de árvore frondosa  
Certo, não tinhas um melhor jazigo  
Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes  
Da florente estação, imagem viva  
De teus cortados dias, e mais perto  
Do clarão das estrelas.

Sobre teus pobres e adorados restos,  
Piedosa, a noite ali derramaria  
De seus negros cabelos puro orvalho  
À beira do teu último jazigo  
Os alados cantores da floresta  
Iriam sempre modular seus cantos  
Nem letra, nem lavor de emblema humano,  
Relembriaria a mocidade morta;  
Bastava só que ao coração materno,  
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,  
Um aperto, uma dor, um pranto oculto,  
Disseste: —Dorme aqui, perto dos anjos,  
A cinza de quem foi gentil transunto  
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência  
Os dourados umbrais; a vida agora  
Sorria-lhe toucada dessas flores  
Que o amor, que o talento e a mocidade  
À uma repartiam.

Tudo lhe era presságio alegre e doce;  
Uma nuvem sequer não sombreava,  
Em sua frente, o íris da esperança;  
Era, enfim, entre os seus a cópia viva  
Dessa ventura que os mortais almejam,  
E que raro a fortuna, avessa ao homem.  
Deixa gozar na terra.

Mas eis que o anjo pálido da morte  
A presentiu feliz e bela e pura  
E, abandonando a região do olvido,  
Desceu à terra, e sob a asa negra  
A frente lhe escondeu; o frágil corpo  
Não pôde resistir; a noite eterna  
Veio fechar seus olhos  
Enquanto a alma abrindo  
As asas rutilantes pelo espaço.  
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,

Tal a assustada pomba, que na árvore  
O ninho fabricou,—se a mão do homem  
Ou a impulsão do vento um dia abate  
    No seio do infinito  
O recatado asilo,—abrindo o vôo,  
    Deixa os inúteis restos  
E, atravessando airosa os leves ares  
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta  
E que lembrança! Os olhos fatigados  
Parecem ver passar a sombra dela  
O atento ouvido inda lhe escuta os passos  
E as teclas do piano, em que seus dedos  
Tanta harmonia despertavam antes  
Como que soltam essas doces notas  
Que outrora ao seu contacto respondiam.

Ah! pesava-lhe este ar da terra impura  
Faltava-lhe esse alento de outra esfera,  
Onde, noiva dos anjos, a esperavam  
    As palmas da virtude.  
Mas, quando assim a flor da mocidade  
Toda se esfolha sobre o chão da morte,  
Senhor, em que firmar a segurança  
Das venturas da terra? Tudo morre;  
A sentença fatal nada se esquiva,  
O que é fruto e o que é flor. O homem cego  
Cuida haver levantado em chão de bronze  
Um edifício resistente aos tempos  
Mas lá vem dia, em que, a um leve sopro,  
    O castelo se abate,  
Onde, doce ilusão, fechado havias  
Tudo o que de melhor a alma do homem  
    Encerra de esperanças.

    Dorme, dorme tranqüila  
Em teu último asilo: e se eu não pude  
Ir espargir também algumas flores  
Sobre a lájea da tua sepultura;  
Se não pude,—eu que há pouco te saudava  
Em teu erguer, estrela,—os tristes olhos  
Banhar nos melancólicos fulgores,  
Na triste luz do teu recente ocaso,  
Deixo-te ao menos nesses pobres versos  
Um penhor de saudade, e lá na esfera  
Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo  
Possas tu ler nas pálidas estrofes  
    A tristeza do amigo.

## SINHÁ

*O teu nome é como o óleo derramado.  
Cântico dos Cânticos.*

NEM O PERFUME que expira  
A flor, pela tarde amena,  
Nem a nota que suspira  
Canto de saudade e pena  
Nas brandas cordas da lira;  
Nem o murmúrio da veia  
Que abriu sulco pelo chão  
Entre margens de alva areia,  
Onde se mira e recreia  
Rosa fechada em botão;  
Nem o arrulho enternecido  
Das pombas nem do arvoredor  
Esse amoroso arruído  
Quando escuta algum segredo  
Pela brisa repetido;  
Nem esta saudade pura  
Do canto do sabiá  
Escondido na espessura  
Nada respira doçura  
Como o teu nome, Sinhá!

## HORAS VIVAS

NOITE; abrem-se as flores.  
    Que esplendores!  
Cíntia sonha amores  
    Pelo céu.  
Tênuas as neblinas  
    Às campinas  
Descem das colinas  
    Como um véu.

Mãos em mãos travadas  
    Animadas,  
Vão aquelas fadas  
    Pelo ar  
Soltos os cabelos,  
    Em novelos  
Puros, louros, belos  
    A voar.

"Homem, nos teus dias  
    Que agonias  
Sonhos, utopias,  
    Ambições;  
Vivas e fagueiras,

As primeiras  
Como as derradeiras  
Ilusões!

Quantas, quantas vidas  
Vão perdidas,  
Pombas malferidas  
Pelo mal!  
Anos após anos,  
Tão insanos  
Vêm os desenganos  
Afinal.

Dorme: se os pesares  
Repousares.  
Vês? —por estes ares  
Vamos rir;  
Mortas, não; festivas,  
E lascivas,  
Somos—*horas vivas*  
De dormir. —"

#### VERSOS A CORINA

*Tacendo il nome di questa gentilissima*  
DANTE

I

TU NASCESTE de um beijo e de um olhar. O beijo  
Numa hora de amor, de ternura e desejo,  
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,  
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;  
Depois, depois vestindo a forma peregrina,  
Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!

De um júbilo divino os cantos entoava  
A natureza mãe, e tudo palpitava,  
A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude  
De uma vida melhor e nova juventude.

Minh'alma adivinhou a origem do teu ser;  
Quis cantar e sentir; quis amar e viver  
A luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,  
Palpitou, reviveu a pobre criatura;  
Do amor grande elevado abriram-se-lhe as fontes  
Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes  
Surgiu, abrindo em flor, uma nova região;  
Era o dia marcado à minha redenção.  
Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:  
Corpo de fascinar, alma de querubim;

Era assim: fronte altiva e gesto soberano  
Um porte de rainha a um tempo meigo e ufano  
Em olhos senhoris uma luz tão serena,  
E grave como Juno, e belo como Helena!  
Era assim, a mulher que extasia e domina  
A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!

Neste fundo sentir, nesta fascinação,  
Que pede do poeta o amante coração?  
Viver como nasceste, ó beleza, ó primor  
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

Viver, —fundir a existência  
Em um ósculo de amor,  
Fazer de ambas—uma essência,  
Apagar outras lembranças,  
Perder outras ilusões,  
E ter por sonho melhor  
O sonho das esperanças  
De que a única ventura  
Não reside em outra vida,  
Não vem de outra criatura;  
Confundir olhos nos olhos,  
Unir um seio a outro seio,  
Derramar as mesmas lágrimas  
E tremer do mesmo enleio,  
Ter o mesmo coração,  
Viver um do outro viver...  
Tal era a minha ambição.  
Donde viria a ventura  
Desta vida? Em que jardim  
Colheria esta flor pura?  
Em que solitária fonte  
Esta água iria beber'?'  
Em que incendido horizonte  
Podiam meus olhos ver  
Tão meiga, tão viva estrela,  
Abrir-se e resplandecer?  
Só em ti: —em ti que és bela,  
Em ti que a paixão respiras,  
Em ti cujo olhar se embebe  
Na ilusão de que deliras,  
Em ti, que um ósculo de Hebe  
Teve a singular virtude  
De encher, de animar teus dias,  
De vida e de juventude...

Amemos! diz a flor à brisa peregrina,  
Amemos! diz a brisa, arfando em torno à flor;  
Cantemos esta lei e vivamos, Corina,  
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

## II

A minha alma, talvez, não é tão pura,  
Como era pura nos primeiros dias;  
Eu sei; tive choradas agonias  
De que conservo alguma nódoa escura,

Talvez. Apenas à manhã da vida  
Abri meus olhos virgens e minha alma.  
Nunca mais respirarei a paz e a calma,  
E me perdi na porfiosa lida.

Não sei que fogo interno me impelia  
À conquista da luz, do amor, do gozo,  
Não sei que movimento imperioso  
De um desusado ardor minha alma enchia.

Corri de campo em campo e plaga em plaga.  
(Tanta ansiedade o coração encerra!)  
A ver o lírio que brotasse a terra,  
A ver a espuma que cuspiisse — a vaga.

Mas, no areal da praia, no horto agreste,  
Tudo aos meus olhos ávidos fugia...  
Desci ao chão do vale que se abria,  
Subi ao cume da montanha alpestre.

Nada! Volvi o olhar ao céu. Perdi-me  
Em meus sonhos de moço e de poeta;  
E contemplei, nesta ambição inquieta  
Da muda noite a página sublime.

Tomei nas mãos a citara saudosa  
E soltei entre lágrimas um canto.  
A terra brava recebeu meu pranto  
E o eco repetiu-me a voz chorosa.

Foi em vão. Como um languido suspiro,  
A voz se me calou, e do ínvio monte  
Olhei ainda as linhas do horizonte,  
Como se olhasse o último retiro.

Nuvem negra e veloz corria solta  
O anjo da tempestade anunciando  
Vi ao longe as alcíones cantando  
Doidas correndo à flor da água revolta.

Desiludido, exausto, ermo, perdido,  
Busquei a triste estância do abandono  
E esperei, aguardando o último sono

Volver à terra, de que foi nascido.

"Ó Cibele fecunda, é no remanso  
Do teu seio que vive a criatura;  
Chamem-te outros morada triste e escura,  
Chamo-te glória, chamo-te descanso!"

Assim falei. E murmurando aos ventos  
Uma blasfêmia atroz — estreito abraço  
Homem e terra uniu, e em longo espaço  
Aos ecos repeti meus vãos lamentos.

Mas, tu passaste... Houve um grito  
Dentro de mim. Aos meus olhos  
Visão de amor infinito,  
Visão de perpétuo gozo  
Perpassava e me atraía,  
Como um sonho voluptuoso  
De sequiosa fantasia.  
Ergui-me logo do chão,  
E pousei meus olhos fundos  
Em teus olhos soberanos,  
Ardentes, vivos, profundos,  
Como os olhos da beleza  
Que das escumas nasceu...  
Eras tu, maga visão  
Eras tu o ideal sonhado  
Que em toda a parte busquei,  
E por quem houvera dado  
A vida que fatiguei;  
Por quem verti tanto pranto,  
Por quem nos longos espinhos  
Minhas mãos, meus pés sangrei!

Mas se minh'alma, acaso, é menos pura  
De que era pura nos primeiros dias,  
Por que não soube em tantas agonias  
Abençoar a minha desventura;

Se a blasfêmia os meus lábios poluíra,  
Quando, depois de tempo e do cansaço,  
Beije a terra no mortal abraço  
E espedacei desanimado a lira;

Podes, visão formosa e peregrina,  
No amor profundo, na existência calma  
Desse passado resgatar minh'alma  
E levantar-me aos olhos teus, -- Corina!



Quando voarem minhas esperanças  
Como um bando de pombas fugitivas;  
E destas ilusões doces e vivas  
Só me restarem pálidas lembranças;

E abandonar-me a minha mãe Quimera,  
Que me aleitou aos seios abundantes;  
E vierem as nuvens flamejantes  
Encher o céu da minha primavera;

E raiar para mim um triste dia,  
Em que, por completar minha tristeza  
Nem possa ver-te, musa da beleza,  
Nem possa ouvir-te, musa da harmonia;

Quando assim seja, por teus olhos juro,  
Voto minh'alma à escura soledade,  
Sem procurar melhor felicidade,  
E sem ambicionar prazer mais puro,

Como o viajor que, da falaz miragem,  
Volta desenganado ao lar tranqüilo  
E procura, naquele último asilo,  
Nem evocar memórias da viagem;

Envolvido em mim mesmo, olhos cerrados  
A tudo mais,—a minha fantasia  
As asas colherá com que algum dia  
Quis alcançar os cimos elevados.

És tu a maior glória de minha alma,  
Se o meu amor profundo não te alcança  
De que me servirá outra esperança?  
Que glória tirarei de alheia palma?

#### IV

Tu que és bela e feliz, tu que tens por diadema  
A dupla irradiação da beleza e do amor;  
E sabes reunir, como o melhor poema,  
Um desejo da terra e um toque do Senhor;

Tu que, como a ilusão, entre névoas deslizas  
Aos versos do poeta um desvelado olhar,  
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,  
Do poeta e da luz, das selvas e do mar.

#### AS BRISAS

Deu-nos a harpa eólia a excelsa melodia  
Que a folhagem desperta e torna alegre a flor,

Mas que vale esta voz, ó musa da harmonia,  
Ao pé da tua voz, filha da harpa do amor?

Diz-nos tu como houveste as notas do teu canto?  
Que alma de serafim volteia aos lábios teus?  
Donde houveste o segredo e o poderoso encanto  
Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?

#### A LUZ

Eu sou a luz fecunda, alma da natureza;  
Sou o vivo alimento à viva criação.  
Deus lançou-me no espaço. A minha realeza  
Vai até onde vai meu vívido clarão.

Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,  
Que sou eu ante a luz dos teus olhos? Melhor,  
A tua é mais do céu, mais doce, mais profunda.  
Se a vida vem de mim, tu dás a vida e o amor.

#### AS ÁGUAS

Do lume da beleza o berço celebrado  
Foi o mar; Vênus bela entre espumas nasceu.  
Veio a idade de ferro, e o nume venerado  
Do venerado altar baqueou: —pereceu.

Mas a beleza és tu. Como Vênus marinha  
Tens a inefável graça e o inefável ardor.  
Se paras, és um nume; andas, uma rainha.  
E se quebras um olhar, és tudo isso e és amor.

Chamam-te as águas, vem! tu irás sobre a vaga.  
A vaga, a tua mãe que te abre os seios nus,  
Buscar adorações de uma plaga a outra plaga.  
E das regiões da névoa às regiões da luz!

#### AS SELVAS

Um silêncio de morte entrou no seio às selvas.  
Já não pisa Diana este sagrado chão,  
Nem já vem repousar no leito destas relvas  
Aguardando saudosa o amor e Endimião.

Da grande caçadora a um solícito aceno  
Já não vem, não acode o grupo jovial;  
Nem o eco repete a flauta de Sileno,  
Após o grande ruído a mudez sepulcral.

Mas Diana aparece. A floresta palpita,  
Uma seiva melhor circula mais veloz;

É vida que renasce, é vida que se agita;  
À luz do teu olhar, ao som da tua voz!

#### O POETA

Também eu, sonhador, que vi correr meus dias  
Na solene mudez da grande solidão,  
E soltei, enterrando as minhas utopias,  
O último suspiro e a última oração;

Também eu junto à voz da natureza,  
E soltando o meu hino ardente e triunfal,  
Beijarei ajoelhado as plantas da beleza,  
E banharei minh'alma em tua luz, — Ideal!

Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas  
Tua alma de mulher deve de palpitar;  
Mas que te não seduza o cântico das águas,  
Não procures, Corina, o caminho do mar!

V

Guarda estes versos que escrevi chorando  
Como um alívio à minha soledade,  
Como um dever do meu amor, e quando  
Houver em ti um eco de saudade  
Beija estes versos que escrevi chorando.

Único em meio das paixões vulgares  
Fui a teus pés queimar minh'alma ansiosa,  
Como se queima o óleo ante os altares;  
Tive a paixão indômita e ferosa,  
Única em meio das paixões vulgares.

Cheio de amor, vazio de esperança,  
Dei para ti os meus primeiros passos  
Minha ilusão fez-me talvez, criança;  
E eu pretendo dormir aos teus abraços,  
Cheio de amor, vazio de esperança.

Refugiado à sombra do mistério  
Pude cantar meu hino doloroso:  
E o mundo ouviu o som doce ou funéreo  
Sem conhecer o coração ansioso  
Refugiado à sombra do mistério.

Mas eu que posso contra a sorte esquiva?  
Vejo que em teus olhares de princesa  
Transluz uma alma ardente e compassiva  
Capaz de reanimar minha incerteza  
Mas eu que posso contra a sorte esquiva?

Como um réu indefeso e abandonado  
Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;  
E se a perseguição me tem cansado.  
Embora, escutarei o teu aresto.  
Como um réu indefeso e abandonado,

Embora fujas aos meus olhos tristes  
Minh'alma irá saudosa, enamorada  
Acercar-se de ti lá onde existes  
Ouvirás minha lira apaixonada,  
Embora fujas aos meus olhos tristes,

Talvez um dia meu amor se extinga,  
Como fogo de Vesta mal cuidado,  
Que sem o zelo da Vestal não vinga;  
Na ausência e no silêncio condenado  
Talvez um dia meu amor se extinga,

Então não busques reavivar a chama.  
Evoca apenas a lembrança casta  
Do fundo amor daquele que não ama  
Esta consolação apenas basta;  
Então não busques reavivar a chama.  
Guarda estes versos que escrevi chorando  
Como um alívio à minha soledade,  
Como um dever do meu amor; e quando  
Houver em ti um eco de saudade  
Beija estes versos que escrevi chorando.

## VI

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano;  
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.  
Solta do chão abrindo as asas luminosas  
Minh'alma se ergue e voa às regiões venturosas,  
Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina?

Reveste a natureza a púrpura divina!  
Lá, como quando volta a primavera em flor,  
Tudo sorri de luz tudo sorri de amor;  
Ao influxo celeste e doce da beleza,  
Pulsa, canta, irradia e vive a natureza;  
Mais languida e mais bala, a tarde pensativa  
Desce do monte ao vale: e a viração lasciva  
Vai despertar à noite a melodia estranha  
Que falam entre si os olmos da montanha;  
A flor tem mais perfume e a noite mais poesia;  
O mar tem novos sons e mais viva ardentia;  
A onda enamorada arfa e beija as areias,  
Novo sangue circula, ó terra, em tuas veias!

O esplendor da beleza é raio criador:  
Derrama a tudo a luz, derrama a tudo o amor.  
Mas vê. Se o que te cerca é uma festa de vida  
Eu, tão longe de ti, sinto a dor mal sofrida  
Da saudade que punge e do amor que lacera  
E palpita e soluça e sangra e desespera.  
Sinto em torno de mim a muda natureza  
Respirando, como eu, a saudade e a tristeza  
E deste ermo que eu vou, alma desventurada,  
Murmurar junto a ti a estrofe imaculada  
Do amor que não perdeu, com a última esperança.  
Nem o intenso fervor, nem a intensa lembrança.  
Sabes se te eu amei, sabes se te amo ainda,  
Do meu sombrio céu alma estrela bem-vinda!  
Como divaga a abelha inquieta e sequiosa  
Do cálice do lírio ao cálice da rosa,  
Divaguei de alma em alma em busca deste amor;  
Gota de mel divino, era divina a flor  
Que o devia conter. Eras tu.

No delírio

De te amar— olvidei as lutas e o martírio;  
Eras tu. Eu só quis, numa ventura calma,  
Sentir e ver o amor através de uma alma;  
De outras belezas vãs não valeu o esplendor,  
A beleza eras tu: — tinhas a alma e o amor.  
Pelicano do amor dilacerei meu peito,  
E com meu próprio sangue os filhos meus aleito;  
Meus filhos: o desejo, a quimera, a esperança;  
Por eles reparti minh'alma. Na provança  
Ele não fraqueou, antes surgiu mais forte;  
É que eu pus neste amor, neste último transporte,  
Tudo o que vivifica a minha juventude:  
O culto da verdade e o culto da virtude,  
A vênua do passado e a ambição do futuro,  
O que há de grande e belo, o que há de nobre e puro.

Deste profundo amor, doce e amada Corina,  
Acorda-te a lembrança um eco de aflição?  
Minh'alma pena e chora à dor que a desatina:  
Sente tua alma acaso a mesma comoção?

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano,  
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!

Vou, sequioso espírito,  
Cobrando novo alento  
N'asa veloz do vento  
Correr de mar em mar;  
Posso, fugindo ao cárcere,  
Que à terra me tem preso,

Em novo ardor aceso,  
Voar, voar, voar!

Então, se à hora lânguida  
Da tarde que declina  
Do arbusto da colina  
Beijando a folha e a flor  
A brisa melancólica  
Levar-te entre perfumes  
Uns tímidos queixumes  
Ecos de mágoa e dor;

Então, se o arroio tímido  
Que passa e que murmura  
À sombra da espessura  
Dos verdes salgueirais,  
Mandar-te entre os murmúrios  
Que solta nos seus giros,  
Uns como que suspiros  
De amor, uns ternos ais;

Então, se no silêncio  
Da noite adormecida  
Sentires—mal dormida  
Em sonho ou em visão,  
Um beijo em tuas pálpebras,  
Um nome aos teus ouvidos  
E ao som de uns ais partidos  
Pulsar teu coração.

Da mágoa que consome  
O meu amor venceu  
Não tremas: — é teu nome,  
Não fujas— que sou eu!

## ÚLTIMA FOLHA

MUSA, desce do alto da montanha  
Onde aspiraste o aroma da poesia  
E deixa ao eco dos sagrados ermos  
A última harmonia.  
Dos teus cabelos de ouro, que beijavam

Na amena tarde as virações perdidas,  
Deixa cair ao chão as alvas rosas  
E as alvas margaridas.

Vês? Não é noite, não, este ar sombrio  
Que nos esconde o céu. Inda no poente  
Não quebra os raios pálidos e frios

O sol resplandecente.

Vês? Lá ao fundo o vale árido e seco  
Abre-se, como um leito mortuário;  
Espera-te o silêncio da planície,  
Como um frio sudário.

Desce. Virá um dia em que mais bela.  
Mais alegre, mais cheia de harmonias  
Voltes a procurar a voz cadente  
Dos teus primeiros dias.

Então coroarás a ingênua fronte  
Das flores da manhã,—e ao monte agreste,  
Como a noiva fantástica dos ermos  
Irás, musa celeste!

Então, nas horas solenes  
Em que o místico himeneu  
Une em abraço divino  
Verde a terra, azul o céu;

Quando, já finda a tormenta  
Que a natureza enlutou,  
Bafeja a brisa suave  
Cedros que o vento abalo;

E o rio, a árvore e o campo,  
A areia, a face do mar  
Parecem, como um concerto  
Palpitar, sorrir, orar;

Então, sim, alma de poeta,  
Nos teus sonhos cantarás  
A glória da natureza  
A ventura, o amor e a paz!

Ah! mas então será mais alto ainda;  
Lá onde a alma do vate  
Possa escutar os anjos,  
E onde não chegue o vão rumor dos homens;

Lá onde, abrindo as asas ambiciosas  
Possa adejar no espaço luminoso,  
Viver de luz mais viva e de ar mais puro  
Fartar-se do infinito!

Musa, desce do alto da montanha  
Onde aspiraste o aroma da poesia.  
E deixa ao eco dos sagrados ermos  
A última harmonia.

**FIM**